



# RELATO DE EXPERIÊNCIA DOCENTE SOBRE A ONHB E A OCHE: ensino de história e consciência histórica

Marisnanda Mota Araújo<sup>1</sup>

## RELATO DE EXPERIÊNCIA DOCENTE ACERCA DE LA ONHB Y LA OCHE: ENSEÑANZA DE LA HISTORIA Y CONCIENCIA HISTÓRICA

### Resumo:

Este artigo apresenta um relato de experiência docente sobre minhas experiências na Olimpíada Nacional em História do Brasil (ONHB) e na Olimpíada de Ciências Humanas do Estado do Ceará (OCHE), entre os anos de 2018 e 2023. O objetivo central desta pesquisa consiste em analisar em que medida as experiências como professora olímpica têm impactado minha prática docente e como essas olimpíadas têm contribuído para o ensino de história e para a promoção da consciência histórica. Fundamentado na perspectiva metodológica da pesquisa-ação (Thiollent, 2022), esse trabalho propõe uma reflexão e uma ação diante das problemáticas identificadas, tais como a suposta falta de interesse dos discentes sobre a matéria de história. A análise dos resultados revelou que projetos como a ONHB e a OCHE, que estimulam a investigação científica pelos estudantes e pelos discentes, promovendo práticas pedagógicas que contribuíram para o desenvolvimento da consciência histórica.

**Palavras-chave:** Práticas docentes. Ensino de História. Olimpíadas científicas. Consciência histórica.

### Resumen:

*Este artículo presenta un relato de experiencia docente sobre mis vivencias en la Olimpiada Nacional de Historia de Brasil (ONHB) y en la Olimpiada de Ciencias Humanas del Estado de Ceará (OCHE), entre los años 2018 y 2023. El objetivo central de esta investigación es analizar en qué medida las experiencias como profesora olímpica han impactado mi práctica docente y cómo estas olimpíadas han contribuido a la enseñanza de la historia y a la promoción de la conciencia histórica. Basado en la perspectiva metodológica de la investigación-acción (Thiollent, 2022), este trabajo propone una reflexión y una acción frente a las problemáticas identificadas, como la supuesta falta de interés de los estudiantes en la materia de historia. El análisis de los resultados reveló que proyectos como la ONHB y la OCHE, que estimulan la investigación científica por parte de los estudiantes, promueven prácticas pedagógicas que han contribuido al desarrollo de la conciencia histórica.*

**Palabras-clave:** Prácticas docentes. Enseñanza de la Historia. Olimpíadas científicas. Conciencia histórica.

<sup>1</sup> Mestre em Ensino de História pelo ProfHistória/UFC. Professora de História na Educação Básica na rede pública e na rede privada em Fortaleza. É professora tutora do curso de graduação em História EAD pela Universidade Aberta do Brasil - UAB/UECE. Orcid: <https://orcid.org/0009-0001-7968-0488>

## 1 INTRODUÇÃO

Em nosso cotidiano como docente não é difícil ouvir dos estudantes expressões como: “as aulas de história são muito chatas, o professor só manda a gente copiar o que já está no livro; o professor de história fala demais; história é o que está no passado”. Falas como essas sempre me inquietam e evidenciam a necessidade do movimento dialético entre o fazer e o pensar sobre o fazer das nossas ações docentes (Freire, 2021).

A partir desse contexto de inquietações pessoais e profissionais, considero que uma das funções básicas da minha prática docente é incentivar os meus alunos a atribuírem significado à história ensinada e, conseqüentemente, às minhas aulas. E quando falo sobre “atribuir significado” às minhas aulas, me refiro ao fato de poder ter consciência da minha prática, do espaço em que atuo e das ferramentas metodológicas que utilizo, afim de que, junto com alunos e alunas, possa pensar em uma história problema que não está desconectada do presente. Muito pelo contrário, é o ponto de partida para pensar historicamente.

Essa prática docente, que antes parecia ser apenas um desejo de ensinar história de uma maneira que os estudantes conseguissem aprender e não apenas memorizar os fatos, agora é uma ação prática, coordenada, pensada e com fundamentos científicos. Desta forma, compreendendo que o ensino de história é um campo de pesquisa possível e necessário e que, além disso, a minha experiência docente é, de fato, um objeto de investigação científica.

Na busca por metodologias que me ajudassem a proporcionar uma aprendizagem significativa aos estudantes, encontrei a Olimpíada Nacional em História do Brasil (ONHB) e a Olimpíada de Ciências Humanas do Estado do Ceará (OCHE), que desde 2009 e 2019, respectivamente, têm cumprido um papel muito importante na divulgação científica das ciências humanas na Educação Básica.

Segundo Cristina Meneguello (2011), as Olimpíadas Científicas ao longo do século XX ganharam um espaço significativo na educação brasileira e tinham como objetivo de estimular o interesse dos estudantes pelas ciências e tecnologias. Porém, até poucos anos atrás elas eram predominantemente voltadas para as áreas de ciências da natureza e para a Matemática. Enquanto a área de ciências humanas “ainda que fundamental para a formação intelectual e cognitiva e para a cultura científica entendida de forma

mais ampla e global, é ainda tema pouco privilegiado e as iniciativas em termos de acesso, divulgação e inclusão são poucas ou pouco conhecidas” (MENE-GUELLO, 2011, p. 02).

Nos últimos anos, no entanto, vimos a ONHB se firmar como uma importante olimpíada científica, a nível nacional, na área das ciências humanas, promovendo a divulgação científica da história e fortalecendo o ensino de história na Educação Básica. Inspirada na ONHB, a OCHE nasce no Ceará em 2019 e é idealizada pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE).

Em ambas as competições há fases *on-line*, que duram seis dias, e uma fase final presencial<sup>2</sup>. A participação acontece em equipes que são composta por quatro pessoas: três estudantes e um professor ou professora. Os estudantes devem estar no 8º ou 9º ano do Ensino Fundamental ou no Ensino Médio.

Olimpíadas como a ONHB e a OCHE estimulam o desenvolvimento de habilidades como a capacidade de pensar de forma crítica e de lidar com problemas mais complexos, além de incentivar a pesquisa científica, o que é determinante para a formação da consciência histórica dos sujeitos. Estes são elementos que, quando aplicados em sala de aula, ajudam a melhorar a qualidade do ensino e da aprendizagem.

Partindo do princípio de que as nossas práticas docentes são multifacetadas e que, por isso, é preciso não apenas refletir sobre ela, mas, sobretudo, pesquisá-la para assim viver e ensinar com mais consciência, este trabalho propõe um relato de experiência docente sobre minha participação nessas olimpíadas e como elas têm alterado minhas práticas como professora de história da Educação Básica. Além disso, esse trabalho também propõe uma análise sobre as contribuições dessas olimpíadas para o ensino de história e para a formação da consciência histórica, visto que elas incentivam a disseminação do debate e do conhecimento histórico.

Para dar conta desses objetivos a pesquisa foi desenvolvida com base na perspectiva teórico-metodológica da pesquisa-ação, uma abordagem de pesquisa que se caracteriza pela combinação dos aspectos de investigar e agir.

Portanto, relatar a minha experiência docente não se limita a observar e descrever minha participação na ONHB e na OCHE, pelo contrário, narro uma investigação científica que busca gerar conhecimen-

<sup>2</sup> A fase final da ONHB acontece na a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), enquanto a final da OCHE ocorre em algum dos campi do IFCE espalhados em diversos municípios do estado do Ceará.

to e que se apresenta como uma intervenção pedagógica e também social.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O que revelamos ao compartilhar nossas experiências? Qual o lugar delas na narrativa da história? O testemunho de uma professora pode fornecer informações relevantes sobre um determinado assunto ou sobre sua ação docente? Todos esses questionamentos que por muito tempo foram apenas meus, mas que agora compartilho nesse trabalho, me serviram de impulso para construir e dar sentido a essa pesquisa.

Narrar sobre nossas experiências que envolvem o processo de produção do conhecimento científico exige cuidado e sensibilidade. O professor José Carlos Reis quando escreve sobre tempo e narrativa em Paul Ricoeur afirma que "A história se inscreve no círculo hermenêutico. Ela é uma configuração narrativa do tempo vivido, que emerge e retorna à vida (Reis, 2005, p. 35).

Segundo José C. Reis:

Em Ricoeur, a história retorna à narrativa e à compreensão, encontra o tempo vivido, as experiências humanas, como seu objeto, e renuncia às explicações abstratas e atemporais científicas. O tempo torna-se mais humano quando é narrado, pois é 'tempo reconhecido'. Na ciência histórica, conhecer e 'reconhecer' (REIS, 2005, p.35).

Assim, nossas experiências e a forma como nos relacionamos com elas e como narramos essas vivências compõe o processo de produção do conhecimento, ancorado no rigor científico. É o que Paul Ricoeur chama de ciclo hermenêutico. Para ele a produção desse conhecimento científico é uma "dialética viva", que acontece como um movimento circular-espiral. Assim, o conhecimento se dá na relação entre experiência e consciência.

Ao longo dos últimos anos de participação como orientadora de equipes na ONHB e na OCHE, seguramente afirmo que essa experiência ressignificou as minhas práticas docentes. A partir da análise de documentos e da utilização destes nas minhas aulas, pude perceber a mudança nos meus planejamentos, na minha abordagem com relação ao passado e ao presente, bem como as inferências destes no futuro. É nesse sentido que Isabel Barca afirma que ser instrumentalizado em História e ter a compreensão de uma história contextualizada, passa pela dimensão de um passado compreendido, um presente problematizado e um futuro perspectivado (Barca, 2004).

Desta forma, quando essas olimpíadas proporcionam aos estudantes, através de suas questões e tarefas, o contato com os mais variados tipos de documentos históricos: jornais, cartas, músicas, fotografias, pinturas, gravuras, charges, mapas, filmes, leis, artigos acadêmicos etc., ela cumpre a função de afastar a história de uma mera "curiosidade histórica" (Meneguello, 2011).

Para Miranda (2013) o contato com fontes históricas primárias, que pode incluir uma variedade de documentos – como letras de músicas, cartas, mapas, exposições de museus, inventários, processos criminais cartoriais e recortes de jornais – oferece aos estudantes do ensino básico uma oportunidade de se aproximarem do trabalho do historiador. Isso os leva a interpretar essas fontes tendo como parâmetros de resposta opções com níveis diferentes de construção textual e interpretações acerca de um mesmo fato.

Peter Lee (2011) evidencia a importância do ensino de história ao afirmar que ele estimula a capacidade de argumentar, de pensar criticamente, o que torna possível que o estudante desenvolva uma consciência histórica que lhe permite entender melhor o mundo em que vive, identificar ciclos e tendências, e assim ter maior consciência de sua própria identidade e de sua própria história. Lee salienta que estudar história não garante que uma pessoa será um sucesso em qualquer área da vida. No entanto, ao adquirir conhecimentos sobre história, uma pessoa está melhor equipada para lidar com as circunstâncias da vida.

Neste sentido, o ensino da história deve ser entendido como um processo de construção do conhecimento que se fundamenta na compreensão e interpretação contextualizada dos fatos históricos. Por isso, ele deve ser orientado para a promoção de uma consciência crítica sobre o passado e o presente, o que significa que é importante incentivar os alunos a questionarem as narrativas postas e/ou impostas sobre o passado e o presente.

Assim, pensar historicamente é construir problemáticas a partir da nossa realidade, professores e alunos, como sujeitos históricos que somos, utilizando nossos conhecimentos prévios para suscitar, de maneira crítica e contextualizada, reflexões que contribuam para a nossa consciência histórica. Assim, é possível afirmar que essa experiência e os relatos sobre ela sejam tão significativos a ponto de se tornarem relevantes para o campo de pesquisa do ensino de história.

Na esteira desse pensamento, Maria Auxiliadora Schmidt entende o processo de construção do conhecimento histórico envolve o diálogo entre pas-

sado e presente, fundamental para a compreensão das transformações ocorridas ao longo dos tempos e para a construção da nossa identidade e da formulação de uma consciência histórica. Esse processo de construção do conhecimento passa pela análise e problematização de fontes históricas através de uma perspectiva crítica a fim de que a aprendizagem ocorra de modo ativo, colaborativo e, sobretudo, que o estudante esteja no centro do processo (Schmidt, 2017).

Entendo, portanto, que a aprendizagem histórica é potencializada quando a metodologia da pesquisa em história é inserida como instrumento de ação didática. Essa inserção, que envolve a exploração de fontes históricas, a análise de documentos e a interpretação de eventos históricos, possibilita ao aluno compreender as relações entre o passado, o presente e o futuro. Dessa forma, permite refletir sobre sua própria identidade. Isso poderá ajudar o professor a compreender como o processo de aprendizagem histórica se concretiza em sala de aula.

Além disso, a metodologia da pesquisa em história permite que os alunos construam seu próprio conhecimento e compreendam a complexidade das relações entre o passado e o presente, o que é fundamental para o desenvolvimento de uma consciência histórica.

Segundo o historiador Luís Fernando Cerri, “[...] a consciência história é uma das estruturas do pensamento humano, que coloca em movimento a definição de identidade coletiva ou individual, a memória e imperiosidade de agir no mundo em que se está inserido” (Cerri, 2011, p. 13).

Nesse entendimento, a ONHB e a OCHE têm se consolidado enquanto projetos de ensino, pesquisa e extensão e contribuído para o fortalecimento do ensino de história e das ciências humanas na Educação Básica. Tal afirmação ganha solidez quando fazemos uma rápida análise sobre o crescente número de participantes ao longo das suas edições<sup>3</sup>. Esse crescimento pode ser atribuído ao formato distinto das demais olimpíadas, pois promovem o contato dos estudantes com fontes históricas e as metodologias de trabalho do historiador.

A ONHB por exemplo, tem se tornado um expoente em todo o Brasil e podemos perceber isso a partir do crescimento no número de participantes ao longo das quatorze edições, são, portanto, dados que não podem passar despercebidos. Em sua primei-

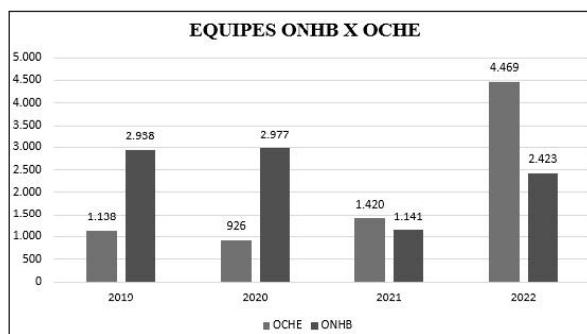
ra edição, no ano de 2009, a Olimpíada contou com cerca de 16.000 mil participantes, entre professores e alunos (COSTA JÚNIOR, 2017, p. 52). Em 2019, como mostra o gráfico a seguir, na sua 11ª edição a ONHB contou com cerca de 73.000 participantes ou 18.505 equipes, um número recorde de inscritos ao longo dos quatorze anos de realização. Esse recorde é quebrado novamente na 16ª edição, em 2024, quando a edição somou 51,2 mil equipes inscritas.

A OCHE, que caminha para sua sexta edição, apresenta também essa tendência de expansão de acordo com os dados divulgados no site oficial da OCHE<sup>4</sup>. Em 2019, na sua primeira edição, a olimpíada somou um total de 4.984 participantes inscritos. Já em 2023, esse número aumentou expressivamente, chegando a 24.556 inscritos, entre estudantes e professores.

É possível afirmar que um dos elementos que explicam o aumento significativo no número de participantes na OCHE ao longo de suas edições, seja a cultura olímpica criada pela ONHB, que ocorre no primeiro semestre de cada ano letivo.

O gráfico a seguir traz uma comparação entre o número de equipes participantes da ONHB e da OCHE entre os anos de 2019 e 2022.

**Figura 1** - Comparativo entre número de equipes cearenses participantes da OCHE e da ONHB entre os anos de 2019 e 2022



Fonte: Elaborado pela autora a partir do levantamento e análise de dados referentes ao número de inscritos.

Um dado que chama a atenção no gráfico é o fato de a OCHE em 2022 ter representado praticamente o dobro de equipes do que a ONHB. Esse fenômeno pode ser explicado tanto pelo fato de a OCHE ser gratuita, diferente da ONHB, quanto pela

<sup>3</sup> Conforme o gráfico abaixo, há uma ressalva apenas para os anos de 2020, no caso da OCHE e de 2021 para a ONHB, instabilidade provocada pelos efeitos negativos da pandemia do COVID-19.

<sup>4</sup> [https://oche.ifce.edu.br/#provas\\_anteriores](https://oche.ifce.edu.br/#provas_anteriores). Acesso em 25 jul. 2024.

consolidação do retorno das atividades presenciais, uma vez que esta ocorre no segundo semestre do ano letivo. Em suma, concluo que esse dado reflete uma consolidação da OCHE Ceará e também aponta para uma cultura olímpica nas escolas desse estado.

O sucesso desses projetos (ONHB e OCHE) que “salta aos olhos” pode ser também atribuído a proposta inovadora e que desafia não só aos alunos como também aos professores que são, certamente, um dos principais responsáveis pela mobilização dos estudantes para se inscreverem no evento e estimulá-los a lidarem com os desafios propostos a cada fase da competição (MENEGUELLO, 2011).

No que se refere a ONHB, a professora e coordenadora da olimpíada, Cristina Meneguello (2011), identifica o empenho dos docentes como um dos elementos para explicar o aumento de mais de 150% no número de participantes entre a edição de 2009 e a de 2010. Ela afirma que: “Um dado tão fundamental como este nos dá a clara dimensão do interesse dos professores “capitães de equipe” que criam novas rotinas, que vêm se somar às suas rotinas de trabalho, para orientar o trabalho das equipes de forma eficiente” (2011, p. 11).

Assim, é possível afirmar que tanto a ONHB quanto a OCHE têm desempenhado um papel crucial no estímulo ao ensino e à pesquisa em Ciências Humanas no Ceará. O crescimento exponencial o número de participantes ao longo das edições, bem como as pesquisas científicas que têm sido produzidas sobre elas, indicam que esses projetos têm fortalecido o ensino e divulgação científica das Ciências Humanas no Ceará.

### 3 METODOLOGIA

Tanto a ONHB quanto a OCHE são olimpíadas que acontecem através de fases on-line e uma fase final presencial. Essa metodologia incentiva a utilização de ambientes virtuais além das redes sociais, empregando Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) no cotidiano de estudantes e docentes. Em ambas as olimpíadas, a participação se dá em equipe, que é composta por três estudantes<sup>5</sup> e uma professora ou um professor-orientador<sup>6</sup>.

A aprendizagem através da ONHB e da OCHE pode ser considerada experiências diferentes porque ambas abordam o aprendizado de uma forma

dinâmica. Elas acontecem de maneira colaborativa, promovendo a partilha de conhecimentos entre os alunos e a inclusão de recursos educacionais mais diversificados, que vão desde variadas fontes de pesquisas até o uso de recursos e mídias digitais.

O formato e metodologias que essas duas olimpíadas adotam nos fazem fugir das aulas expositivas. A diversidade de documentos que devemos analisar e os debates que são gerados a partir dessas análises coloca o docente e os estudantes em uma tarefa investigativa e reflexiva, que se retroalimenta desse ciclo de pesquisar-refletir-inferir.

Em ambas as olimpíadas, a prova de cada fase fica disponível de segunda-feira a sábado. Assim, oriento aos alunos a estudarem as questões com antecedência para que na aula presencial possamos ter maior qualidade nas discussões e conduzi-las de maneira mais objetiva. Nessas aulas, que geralmente acontecem no laboratório de informática da escola, todas as equipes ficam juntas, o que fomenta o trabalho coletivo.

Na fase semifinal (ainda *on-line*) a equipe precisa desenvolver uma “tarefa” proposta pela olimpíada, que geralmente envolve a produção escrita, o que exige um esforço ainda maior em relação as outras fases. Para muitos estudantes, principalmente os de escolas públicas, essa atividade pode ser sua primeira experiência com a produção de um texto científico.

Na primeira edição da OCHE em 2019, minha experiência como orientadora foi em uma pequena escola privada, localizada no bairro Bonsucesso, na região oeste de Fortaleza. Naquele ano, como proposta de “tarefa” da semifinal, as equipes deveriam pesquisar e identificar um patrimônio existente no seu município e em seguida produzir um *folder* informativo que permitisse às pessoas de qualquer região do país conhecer melhor aquele patrimônio selecionado.

Naquela oportunidade, conduzi a orientação de oito equipes, respeitando a autonomia de cada uma delas em escolher o patrimônio a ser apresentado no trabalho. Como resultado tivemos trabalhos sobre patrimônios como Centro Cultura Dragão do Mar, Estoril, Teatro José de Alencar, Memorial Belchior dentre outros.

Nessa experiência pude perceber um aspecto em comum na escolha do patrimônio da maioria das equipes: sete optaram por algum patrimônio de na-

<sup>5</sup> Os estudantes devem estar no 8º ou 9º ano do Ensino Fundamental II ou no Ensino Médio.

<sup>6</sup> Na ONHB são aceitos como orientadores apenas professores que lecionem a disciplina de história. Já na OCHE, podem participar os docentes que sejam regentes de qualquer disciplina da área de Ciências Humanas como também Ensino Religioso, Artes, Língua Portuguesa e Literatura Brasileira.

tureza material. Embora já tivéssemos estudado os conceitos de patrimônio material e imaterial, de patrimônio histórico, cultural através de questões das fases anteriores, ainda assim, a compreensão sobre patrimônio para muitos estudantes ainda está relacionada a concepção da “pedra e cal”. Isso evidencia, inclusive, a necessidade da inclusão de educação patrimonial no currículo da Educação Básica.

Porém, uma das equipes destacou-se das demais quando optou por escrever um trabalho sobre o Instituto Cobra Azul de arqueologia e patrimônio (ICA)<sup>7</sup>, localizado no bairro Parangaba, também na periferia de Fortaleza. A equipe Sufragistas, formada por três alunas da 2ª série do Ensino Médio, se destacou ao escolher narrar sobre a existência de um instituto de preservação arqueológica localizado na periferia da cidade, em um bairro muito próximo ao onde elas residiam, e que não havia sido tombado pelo poder público. Além disso, as estudantes decidiram visitar o instituto para conhecer e investigar o seu objeto de sua pesquisa.

#### 4 DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

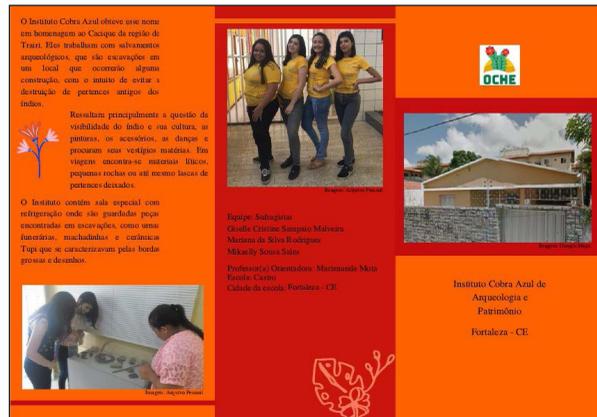
A experiência narrada neste artigo originou-se a partir do trabalho docente de orientação de equipes nas olimpíadas científicas e como um dos resultados desse trabalho, apresento o *folder* produzido pela equipe Sufragistas.

Para a produção do *folder*, as estudantes visitaram o instituto, fotografaram o local e os acervos, conversaram com a equipe responsável pelo espaço e coletaram informações sobre as pesquisas que estavam sendo desenvolvidas pelo instituto na época. Dessa forma, a equipe adotou procedimentos muito semelhantes aos que são aplicados por historiadores em suas pesquisas, visto que realizaram um trabalho que envolveu investigação, problematização, pesquisa e, como resultado, a produção escrita.

Interessante perceber a transdisciplinaridade que a OCHE consegue alcançar com essas propostas de atividades que envolvem diversos saberes, produzidos em espaços formais e não formais de aprendizagem.

Nas figuras 2 e 3 podemos ver o trabalho produzido pela equipe.

**Figura 2** - Página 1 do *folder* produzidos pela equipe Sufragistas



Fonte: arquivo pessoal da autora, produção intelectual da equipe Sufragistas.

Sobre os objetivos ansiados pela OCHE com o formato da olimpíada, os professores Zilfran Fontenele e José Gerardo Bastos afirmam:

[...] neste momento, buscamos relacionar a OCHE, o ensino das disciplinas das Ciências Humanas e as práticas pedagógicas na Educação Básica, a partir das questões propostas pela Olimpíada e as seguintes categorias de análise: pesquisa como princípio pedagógico; utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) nos ambientes escolares; Gamificação; **aprendizagem ativa; trabalho em equipe e respeito à diversidade; e a interdisciplinaridade** (Fontenele; Costa Júnior, 2020, p. 23 e 24. Grifo meu).

É muito provável que as estudantes ainda não tivessem vivido uma experiência tão próxima da pesquisa científica nem tampouco tinham feito uma pesquisa em campo. Sobre essa vivência uma das integrantes da equipe afirma:

Muito bom! Vivi experiências divertidas com minhas colegas de grupo. A primeira foi quando fomos no Instituto Cobra Azul (instituto que representa a importância da visibilidade da cultura indígena) e podemos ver de perto artefatos indígenas que foram coletados para estudo e para conservação e podemos conversar com os historiadores/ responsáveis presentes. Outra recordação foi o dia da prova de redação, era uma maneira diferente de realização de prova onde podemos, em grupo, alinhar nossos conhecimentos e realizarmos a avaliação.

Além de possibilitar a interação entre os estudantes, essas experiências permitem a realização de

<sup>7</sup> O Instituto Cobra Azul surgiu em 2012 a partir da mobilização de um grupo de jovens pesquisadores com o objetivo de desenvolver e apoiar pesquisa que preservem e promovam o patrimônio cultural e arqueológico. Para acessar o *site* do instituto: <https://cobrazul.com.br/quem-somos/>.

projetos e pesquisas, aumentando a autonomia e a responsabilidade dos alunos e incentivando-os a refletir sobre questões atuais e futuras, bem como a desenvolver conhecimentos práticos e teóricos.

**Figura 3** - Página 2 do folder produzidos pela equipe Sufragistas



Fonte: arquivo pessoal da autora, produção intelectual da equipe Sufragistas.

As Sufragistas fizeram jus ao nome da equipe e foram além, produziram não só um texto informativo sobre o instituto, mas também uma poesia sobre a importância da valorização e preservação da cultura indígena.

Poesia criada pela equipe Sufragistas (2019):

É Tupi, é Tremembé e Kanindé, mas com pouca visibilidade o Nordeste não sabe que existe um tapeba na cidade. As danças, rituais e pinturas corporais são culturais. Lembre-se do cacique que usa cocar, que não é enfeite é sinal de 'me respeite', porque é gigante pela própria natureza e com certeza antes do leilão do pau-brasil possuía direito sob esse chão, que eram aldeias sem essa tal 'civilização'.

Os trabalhos das oito equipes participantes foram submetidos à avaliação da comissão organizadora da OCHE e apenas a equipe Sufragistas foi classificada para a fase final que ocorreu presencialmente no IFCE, campus de Caucaia, cidade que faz parte da região metropolitana de Fortaleza.

A notícia da convocação para a fase final foi recebida com muito entusiasmo não só pela equipe, mas também pelos outros estudantes, pela coordenação e pela direção da escola. Nossa condição de finalistas nos colocou em uma posição de destaque, visto que a escola, que já existe há mais de três décadas, nunca

tinha tido resultados tão expressivos em olimpíadas como foi naquele ano de 2019.

O resultado foi muito relevante. Dentre mais de 100 equipes convocadas para a final naquele ano, ficamos no quadro de medalhistas de bronze.

Fica evidente, portanto, que a ONHB e a OCHE são projetos que estimulam a pesquisa histórica, tanto pelos docentes quanto pelos discentes, pois "leva os participantes a terem contato direto com o arcabouço metodológico do historiador" (Meneguello, 2011, p. 5) podendo assim, desenvolver novas práticas nas aulas de História. Valoriza ainda a diversidade e o respeito às diferenças, deixando isso claro nas suas questões e tarefas, visto que elas provocam reflexões importantes sobre como pensamos e agimos.

Além disso, essas olimpíadas alteram a dinâmica das escolas em vários aspectos bem como impactam as relações estabelecidas entre professores e alunos e entre os próprios estudantes. Somados aos vários outros elementos constitutivos da nossa identidade individual e coletiva, como família, política, religião etc., a experiência da participação nessas olimpíadas pode reorganizar as práticas de vida "dentro e fora" da escola.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que os alunos aprendem quando estudam história? Será que a maneira como a história tem sido ensinada possibilita aos estudantes aprenderem história de maneira significativa para eles? Essas interrogações apontam para questões muito sensíveis e ao mesmo tempo muito importantes para o ensino de história e para nossas práticas docentes.

Aprender história é uma maneira de compreender como o mundo mudou ao longo do tempo e como isso afeta o nosso presente, portanto, é uma ação capaz de dar sentido a nossa existência e ajudar a constituir a nossa identidade, desta forma, esse processo envolve o desenvolvimento de habilidades de pensamento crítico e de comunicação.

Ciente de que o ensino de história deve ocorrer de forma significativa e contextualizada, suscitando problemáticas relevantes para professores e estudantes e que possibilite a esses sujeitos compreender que fazem parte da produção do conhecimento histórico, considero que as experiências em olimpíadas científicas e especificamente na ONHB e na OCHE, são um bom exemplo de práticas que envolvem o ensino de história e a aprendizagem histórica signi-

ficativa, atravessando e impactando, inevitavelmente, a prática dos sujeitos envolvidos.

A partir das investigações e dos resultados obtidos nessa pesquisa, ficou evidente que somente quando o ensino de história nas escolas se dá de for-

ma mais crítica, permitindo aos alunos desenvolver uma compreensão mais ampla e consciente do passado e do presente, é que eles começam a perceber sua própria capacidade de agir sobre a história e se enxergar como sujeitos históricos.

## REFERÊNCIAS

---

BARCA, Isabel. **Aula Oficina: do Projeto à Avaliação**. In: BARCA, Isabel (Org.) Para uma educação de qualidade: Atas da Quarta Jornada de Educação Histórica. Braga, Centro de Investigação em Educação (CIED)/ Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 2004, p. 131 – 144.

CERRI, Luis Fernando. **Ensino de História e consciência histórica**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

COSTA JÚNIOR, José Gerardo Bastos da et al. **A Olimpíada Nacional em História do Brasil (ONHB) e o Ensino Médio Integrado no IFRN**. 2017. Dissertação de Mestrado. Brasil.

FONTENELE, Zilfran Varela; DA COSTA JÚNIOR, José Gerardo Bastos. Análise das propostas pedagógicas da OCHE para o ensino de ciências humanas no estado do Ceará. **INTERFACES DA EDUCAÇÃO**, v. 11, n. 32, p. 13-33, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia** (Edição especial). Paz e Terra, 2021.

LEE, P. Por que aprender História? **Educar em Revista**, Curitiba, v. 27, n.42, p.19-42, out./dez. 2011. <https://doi.org/10.1590/S0104-40602011000500003>.

MENEGUELLO, Cristina. Olimpíada Nacional em História do Brasil: uma aventura intelectual?. **História Hoje: Revista Eletrônica de História**, v. 5, n. 14, p. 1-14, 2011.

MIRANDA, Augusto Ridson de Araújo. **Projeto ONHB na E.E.M. Tenente Mário Lima: reflexões teóricas**. Educare (Fortaleza), v. 7, p. 67-82, 2013.

REIS, José Carlos. Teoria e História da "Ciência Histórica": Tempo e Narrativa em Paul Ricoeur. In: FIGUEIREDO, Betânia Gonçalves; CONDÉ, Mauro Leitão. (org.). **Ciência, História e Teoria**. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2005, pp. 93-122.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora dos S. História do ensino de história no Brasil: uma proposta de periodização. **Revista História da Educação – RHE**. Porto Alegre v. 16 n. 37 Maio/ago. 2012 p. 73-9. Editora, 2019.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora dos S. Jörn Rüsen e sua contribuição para a didática da história. **Intelligere: Revista de História Intelectual**, vol. 3, n. 2, 2017, p-58-76.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. Cortez Editora, 2022.